

**DISCURSOS DE NATUREZA: A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA OITOCENTISTA NO  
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO<sup>1</sup>****Janaina Zito LOSADA\***

**Resumo:** Este artigo busca refletir como o meio natural, as ideias que o envolveram, os elementos que o caracterizaram estiveram presentes no interior das disputas intelectuais que produziram o conhecimento histórico no Brasil. No século XIX, por meio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o meio natural em seus animais, vegetais e minerais atravessou o século como sujeito da nação. Neste sentido, tomaremos aqui como exemplares os escritos de Joaquim Manoel de Macedo, José Ribeiro Fontes e José Silvestre Rebello, intelectuais que ajudaram a fundar e construir os alicerces da escrita de uma história na qual a natureza constituiu-se o personagem principal. Por meio deles encontramos uma geração que vai marcar de forma profunda o pensar e fazer a história no Brasil.

**Palavras-chave:** Historiografia brasileira. Natureza. Discursos.

**ESSAYS ON NATURE: 19TH CENTURY HISTORY PRODUCTION AT THE BRAZILIAN  
GEOGRAPHY AND HISTORY INSTITUTE**

**Abstract:** This article reflects on how the natural environment, the elements that characterize it, and the theories involved were all present within the intellectual endeavours that produced historic knowledge in Brazil. In the nineteenth century, wildlife in the form of flora and fauna as well as natural minerals traversed the century as true subjects of the nation, through the work of the Brazilian Institute of History and Geography. From this point of view, we will examine here examples of the writings of Joaquim Manoel de Macedo, Jose Ribeiro Fontes and Jose Silvestre Rebello, intellectuals who helped to found and build the foundations of writing history in which nature itself was the main character. Through them we discover a generation that will prove to influence in a profound way the thinking and the making of Brazilian history.

**Keywords:** Brazilian historiography. Nature. Essays.

A produção do discurso histórico brasileiro é atravessada, durante todo o século XIX, por diversas descrições do mundo natural. Na mais oficial das revistas de história – Revista

---

\* Professora Adjunta Doutora- UFU/MG - Universidade Federal de Uberlândia, Av. João José Dib, 2545, CEP: 38302-000, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [janainalosada@pontal.ufu.br](mailto:janainalosada@pontal.ufu.br)

do IHGB – desfilam jacarés e tartarugas; bromélias, aguapés e pântanos; pedras preciosas, metais, montanhas e campinas. Elementos da natureza ou paisagens que permitem ao Império brasileiro dar-se a conhecer, de forma romântica e majestosa, utilizando as ideias, os métodos e as metáforas das ciências modernas.

A escrita da história – ancorada no culto à nação e no contínuo movimento de nomear, descrever, provar – deixa ver em seu desejo de recordação, a circulação das ideias de seu tempo. As publicações dos relatos das viagens, das atas das reuniões e das homenagens realizadas, constituem-se em importante veículo de circulação de ideias e imagens discursivas no qual podemos ver animais, vegetais e minerais cuidadosamente descritos.

Ancorados na leitura de Michel Foucault sobre os poderes do discurso, analisaremos quatro documentos: o discurso do fundador José Silvestre Rebello (REBELLO, 1839, t.1, v.1), publicado na Revista da instituição, em 1839, o discurso de 1856 do secretário José Ribeiro Fontes (FONTES, 1956, t. XIX), o discurso do orador Joaquim Manoel de Macedo, de 1859 (MACEDO, 1859, t. XX; MACEDO, 1860, t. XXII) e o artigo Zoofonia, de Hercule Florence<sup>2</sup>, publicado em 1876 na Revista do Instituto Histórico, sem autoria. Neles são reveladas ideias de história e de natureza, comprometidas com um ideal civilizador científico que permitem historiar o distante século XIX brasileiro.

O século XIX, no Brasil, teve no homem seu mais absoluto universo de preocupações. Delirante, ele tomou a natureza para a sua saciedade. Das deliciosas frutas aos ostensivos lucros, do êxtase causado pela beleza exótica ao medo aterrador, o meio natural constituiu a paisagem que poderia ser descrita e domada.

Para apresentarmos aqui a trama que forma esta história, tomamos de empréstimo uma imagem foucaultiana – o quadrilátero, aqui um quadrilátero histórico, em que proposição, designação, derivação e articulação fazem a urdidura do tecido discursivo.

É no movimento contínuo de nomear, descrever, provar, relacionar que as ideias da história oitocentista fazem-se um importante universo de reflexão. A recordação seria o ponto central formado pelo cruzamento das diagonais que os vértices do quadrilátero lançam. Neste entrecruzamento de práticas e ideias, desejamos dar visibilidade àquilo que compreendemos estar à margem do expresso. Para tanto, selecionamos documentos que entrelaçam historiadores e viajantes. Historiadores que se recordam de viajantes e viajantes que se recordam de suas viagens.

O Instituto Histórico e a sua revista já foram objeto da atenção de historiadores como Arno Wehling, Manoel Luis Salgado Guimarães e Lúcia Maria Paschoal Guimarães (WEHLING, 1994; GUIMARÃES, 1997, n. 20; GUIMARÃES, 2002; GUIMARÃES, 2001) e, também ancorados nesses trabalhos, lançamos um olhar à história. Aqui a ideia do passado e o espírito colecionador dos historiadores, geógrafos e naturalistas do Instituto, no século

XIX, nos remetem aos caminhos dos sertões, onde a observação da natureza se pretendia objetiva e a história se pretendia imparcial.

O desejo da história oitocentista não era fazer da sua percepção de natureza o centro das atenções. Seus desejos estavam voltados para o mundo do homem, em tudo o que isto pôde significar – humano, mas também masculino, racional, e, sobretudo, senhorial. Os desejos da civilização deixavam expresso o distanciamento do mundo da natureza e o IHGB a tomava como paisagem e recurso.

Aí encontramos uma explosão de referências sobre a natureza, sobre os reinos animal, vegetal e mineral, sobre produções e topografias, descrições de flores e diamantes. Delas selecionamos fragmentos que nos mostraram imagens curiosas. Entretanto, para além da curiosidade, os textos aqui trabalhados apontam um país que, em sua formação, utilizou à exaustão o meio natural e, ao mesmo tempo, dele produziu uma imagem idílica.

O passado e a riqueza ofuscaram aqueles olhares mais escrutinadores. O desejo de fundar uma nação levou os indivíduos a buscarem um império, belo, cheio de flores e de frutos, tencionando eliminar o risco da imprevisibilidade animal.

Enquanto isto, os viajantes transpunham montanhas e rios, cortavam as árvores, transplantavam sementes, domesticavam as feras e escreviam relatos. Dia a dia, os diários de viagem e os discursos que os recordam traziam as sensações e muitas vezes o sofrimento que fora necessário à construção patriótica do império monárquico. A história arregimentava heróis em indivíduos e paisagens e mesclava a tradição iluminista<sup>3</sup> ao ideal do romântico (LOSADA, 2007, p.199).

A paisagem natural descrita por meio da grandiosidade do exótico e do desejo pelo rigor evocava uma tradição na qual o culto à natureza fundamentava o culto à nação.

Na construção do passado, o século XIX brasileiro retoma alguns momentos que considera fundantes. É o caso da documentação setecentista, dos diversos tipos de documentos de viagens e os igualmente diversos documentos das histórias de um Império já deixado ao longe. No processo de produção e publicação a Revista do Instituto fazia circular, intensamente, manuscritos e obras pelas salas imperiais; sócios correspondentes enviavam suas obras ou as obras de outros, ou ainda enviavam as obras que copiavam ou que mandavam copiar. Homens ilustres que passavam a compor uma imensa rede de indivíduos, que se aproximavam por intermédio da instituição que representavam e das ideias que produziam ou que apenas divulgavam.

Esperava-se que estas obras derramassem luzes sobre o desconhecido dos territórios incultos do Brasil, como expressou o correspondente Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes<sup>4</sup>, quando escreve ao IHGB, enviando os extratos de suas viagens das províncias de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia (PONTES, 1964, v.262).

Os distanciamentos formaram, assim, importantes índices das experiências vividas e desta história. Ocorreram nos silêncios, na falta de referências, no anonimato do autor, na falta de datação, no próprio sentido da antiguidade e do passado. Do Jequitinhonha à Pompéia, do Araguaia à Filadélfia, do Mato Grosso e Goiás às salas fluminenses de uma monarquia ilustrada, a história, repleta do ideal cosmopolita da modernidade, armava as paisagens em um discurso nacional, produzindo passados dos quais os indivíduos poderiam se orgulhar e outros que seriam com o tempo esquecidos.

### **Proposição ou do discurso de Joaquim Manoel de Macedo, publicado na Revista IHGB em 1859**

No discurso de Joaquim Manoel de Macedo encontramos o desejo de honrar a nação com um texto emocional e rebuscado que traça, por meio do elogio fúnebre, uma leitura de história das ciências. Para recordar o dr. Emílio Joaquim da Silva Maia, importante intelectual baiano, que teve sua obra imensa e variada ligada ao Rio de Janeiro, e sua vida, conforme afirma seu biógrafo, ligada aos fenômenos políticos e intelectuais do Brasil oitocentista. Nascido em 1808, o dr. Maia viveu uma “época tempestuosa”, presenciou a Revolução de Pernambuco, em 1817, quando menino, depois a Guerra da Independência de 1823, entre 1824 a 1834 experimentou o exílio e os estudos em Portugal, na Espanha e na Inglaterra. O retorno ao Brasil marcou uma virada em direção à ciência e um afastamento da agitada vida política. Professor do Colégio Pedro II, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, diretor do Museu Nacional. O discurso de Macedo chora a morte de um amigo. Em seu pesar, percebemos a riqueza e a intensidade da vida intelectual que recorda. Aponta a importância dos estudos de zoologia, nos quais Maia elaborou quadros sinópticos de estudo e das diversas memórias sobre as ciências naturais, medicina e outros temas literários.

A partir de Maia são recordados outros sócios dignos de nota, como o brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos, o engenheiro Joaquim Cândido Gulobel, Pedro de Angelis depois de ter sido preceptor dos filhos do Rei Murat (PONTES, 1964, v.262). De Nápoles, no início da década de 1820, deixou escritos valiosos e eruditos sobre as ciências e, particularmente, Macedo recorda uma memória sobre a Navegação do Amazonas, onde ilustração e talento sustentavam os direitos do Império constitucional. Neste rosário de contas o poeta chora o brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, amigo particular de D. Pedro I. Segue-se a ele o senador Nicolau de Pereira Campos Vergueiro, advogado formado na Coimbra liberal, sustentou a campanha da Maioridade e, segundo o poeta, atravessou épocas difíceis e tormentosas que jamais abalaram este “rochedo no meio do

Oceano”, zombava o político “dos furacões e das tempestades”. A natureza presente nas ciências torna-se metáfora da experiência política no forjar dos heróis pátrios.

Macedo finaliza seu discurso com o elogio a Humboldt, também falecido, aos 90 anos, neste ano de 1959. O quadro solene estava quase pronto. É no elogio a Humboldt que a ideia de natureza aparece com mais força em Macedo. A natureza que produziu os gênios e a natureza da América, sua botânica, geologia, topografia, física, zoologia etc. Para ele, o cientista alemão foi o grande intérprete das obras divinas, falando dos mundos que giram no espaço, dos oceanos, das cordilheiras, das entranhas das terras e suas riquezas e tesouros. Relata que “enquanto Napoleão conquistava os reinos da Europa, Humboldt conquistava os reinos da natureza arrasando os mistérios da criação universal” (MACEDO, 1860, t. XXII, p.737), estudando e explorando “os sentidos na superfície e no interior” do ocidente e do oriente, do equador e dos polos, as mais profundas cavernas, os mais terríveis vulcões, os mares mais tempestuosos e os inumeráveis produtos dos reinos da natureza (MACEDO, 1860, t. XXII, p.738), além das estrelas, eclipses e cometas. Para Macedo, o naturalista falava todas as línguas da humanidade.

O luto cobria Macedo, cobria as cidades onde os funerais ocorriam e cobria as salas do IHGB. Com esta coleção de grandes vultos e a inspiração de Vitor Hugo, Macedo marcava a tristeza para este século dos milagres da ciência, esta época de atividade científica pronunciada, marcava a morte destes indispensáveis espíritos, destes homens universais, a verdadeira família de Alcides<sup>5</sup> da sabedoria.

Nestes elogios o poeta apresenta a natureza de diferentes formas e mesmo quando não é dominada pelo conhecimento científico, é moldada no texto como imagem, é vencida como metáfora, e como preposição discursiva é transformada em paisagem e assim marca e constitui o espaço da memória.

### **Designação ou do discurso de 1856 do secretário José Ribeiro de Souza Fontes**

Ora, é natural que este historiador que foi tão minucioso em enumerar os diversos animaes ahi encontrados não se esquecesse de apontar tambem algum ou alguns dos domésticos si ahi fossem achados; mas elle não o fez, e por tudo o que levamos dito concluiremos que os animaes domesticos existentes na America foram importados pelos Europeus seus conquistadores.

Quanto aos não domésticos, é verdade que Montfalcon<sup>6</sup> diz que os tigres e os leões foram transportados da Africa para a América assim como os cavallos e bois o foram da Europa. Ora, que estes ultimos pela necessidade de que d'elles tinham os Europeus para varios usos fossem trazidos, bem; mas os leões e tigres? Qual seria o motivo que os faria ter em sua companhia tam maus companheiros, para que os trariam para um paiz para onde elles so levavam objectos de utilidade e não de destruição como da historia se vê? (FONTES, 1956, t. XIX, p.512)

O documento inspira muitas questões no que tange à ideia de designação. O médico José Ribeiro de Souza Fontes<sup>7</sup> escreve sobre os animais que o colonizador trouxe para a América, mostrando a utilidade e a antiguidade de bois, cães, gatos, cabras, porcos, galinhas e outros. Animais trazidos pelos portugueses, espanhóis e franceses, facilmente adaptados e, por vezes, até transformados em selvagens. Cita os naturalistas Curvier<sup>8</sup>, Buffon e Prichard em sua *Historia natural do homem de 1843*, além dos historiadores Cantu<sup>9</sup>, na obra *Historia universal*, na edição de 1847, e Simão de Vasconcellos<sup>10</sup>, na obra *Chronica*. Com isto, apresenta a amplitude de sua leitura e a fundamentação moral da interpretação que faz da natureza.

O colonizador trazia os animais domésticos e às vezes trazia com eles animais selvagens que acompanhavam os homens e seus provimentos com movimentos leves e silenciosos, os ratos. Estes inimigos terríveis, no dizer do historiador, vieram nos navios e “quando os ratos se constituíram o flagello dos primeiros estabelecimentos não encontraram outros inimigos senão as grandes cobras [...], e então ainda eles não foram perseguidos pelos gatos, e é natural que n’essa ocasião a necessidade fizesse lembrar a utilidade d’estes ultimos, e é mais natural ainda que tratassem de importar os ja domesticados antes do que domesticar os montezes por ser muito mais difficil.” (FONTES, 1956, t.XIX, p.518)

A domesticação de animais e a sua importação para controle<sup>11</sup> de outros animais ou para outras atividades foi tema de inúmeros estudos no século XIX, tomando os olhos imperiais. Em 01 de julho de 1841, os animais são observados no IHGB neste seu aspecto de domesticação quando entra na urna para sorteio a seguinte ordem do dia: Quais foram os introdutores do gado *vaccum* e *cavallar* na Província do Rio Grande de Sul? Buscavam – neste inventário de espécies domésticas, selvagens, produtivas, exóticas – fazer um mapa do mundo e dos caminhos percorridos pelos bichanos, sem esquecer, claro, a sua utilidade. Retomemos Fontes: “[...] é bem verdade que bem pouco sabemos a respeito da importação dos gatos na America, mas Du Tertre<sup>12</sup> diz que nas Antilhas havia um grande numero de gatos para ahi trazidos pelos Hespanhoes: à vista do que temos exposto, julgamo-nos com direito de concluir que estes animaes foram do numero dos importados” (FONTES, 1956, t. XIX, p.520).

Importados, nacionais, mansos ou arredios, gatos e onças são listados e citados, analisados segundo sua beleza, utilidade ou perigo, grandezas que forjam um processo de designação e que, certamente, têm o ser humano em seu centro. Também podemos ler aí um olhar comprometido com os poderes e as ideias de seu tempo, comprometido com sua ciência e sua necessidade de entendimento de si e do mundo ao seu redor. Observemos as dúvidas de Fontes:

Todos sabemos quão difícil senão impossível é ainda hoje domesticar um dos nossos gatos montezes. Pela nossa parte so os temos visto mortos e tem-se-nos dito que com dificuldades se podem caçar, não nos consta que ainda hoje ninguém os tenha em suas casas, entretanto que bem perto de nossos povoados elles existem; ora si isto hoje é assim, como admittir que em eras remotas houvesse possibilidades em domestical-os? Como admittir que, homens que se deviam occupar com outras cousas, que homens que cuidavam principalmente em colher ouro e os preciosos vegetaes do Brazil, se dessem ao enfadonho trabalho de educar um animal como esse? (FONTES, 1956, t. XIX, p.518)

Notamos tempos nos quais esperanças e sonhos eram depositados no homem e no mundo de suas ideias. Membros mais elevados do repleto reino animal, os indivíduos deveriam ocupar seus lugares na vastidão das terras pertencentes a seu império e com a sua mão civilizadora satisfazer as suas vontades. A manutenção dos domínios, aliada ao pragmatismo administrativo dos setecentos e à modernidade dos oitocentos, mesclaram a escravidão, as matas, os animais, as viagens e estes homens de letras no interior do Brasil.

Aqui, o estudo destas ideias permite ver também uma corte tropicalizada pela presença da imagem, dos sentidos e das experiências vividas nas florestas, nos rios, nos sertões. O exótico da natureza do Brasil mostrado e enviado para a corte lisboeta, a corte carioca ou para a moderna Londres, pretendia, nestas diversas temporalidades, dar visibilidade, informar e educar sobre as riquezas naturais e, sob o Império Constitucional de D. Pedro II, constituir uma colação de referências sobre a história e o homem nacional. Ideias que ora afastavam os indivíduos da natureza pelo refinamento e pelo autocontrole e ora os aproximavam da natureza ao torná-la sua fonte de riqueza ou, ainda, ao torná-la sujeito de sua história.

Súditos de uma sociedade que se desejava letrada. Funcionários do império, filhos da elite, vivendo a transição de um século e de muitas ideias, os indivíduos que circulavam nas salas do IHGB e publicavam em sua revista, eram também tocados por uma imensidão de ideias revolucionárias, como demonstram os estudos sobre a influência no pensamento iluminista nas províncias (ALEXANDRE, 1993, p.78-79) e os estudos das bibliotecas no final dos setecentos (VILLALTA, 1997, v.1, p.366-368). Estes pensamentos que mesclaram política, ciência, natureza e história constituíram-se, segundo Pedro Moacyr Campos, em um “[...] multiforme repositório de dados para o estudo do passado brasileiro, inestimável, sobretudo para o estudo das idéias no século XIX” (CAMPOS, 1977, p.262).

O historiador, profeta do presente (CEZAR, 2011, p.103), ao debruçar-se sobre este acervo imenso e selecionar seus documentos pintaria um quadro da vida, dos deveres e dos caminhos dos homens, pelo menos era esta sua missão quase sagrada no correr dos oitocentos. Tecido, tela, quadro são estruturas metafóricas que constituem em si a ideia da visualidade e da exploração do sensível mundo das impressões visuais. É ainda a ética

pedagógica da história do século XIX (HARTOG, 1998, p.196), que afirma uma história útil, épica, erudita e exemplar que predomina nos escritos encomendados ou ofertados nos quadros do IHGB.

Como as urdiduras da teia social, as ideias, as leituras e as sensibilidades são epocais, a aproximação, o afeto e o medo em relação aos animais (THOMAS, 1996) ficam distantes no tempo. Observemos a opinião de Fontes sobre os gatos:

O gato, que é um domestico infiel, que so o possuimos para oppô-lo a outro inimigo ainda peor, e que sem elle o não podiamos lançar fóra de nossa moradas, de malicia innata, perverso por natureza, falso e traidor, qualidades estas que a idade lhe augmenta, e que a domesticidade apenas lhe faz diminuir, incapaz de perfeita educação, o que fez dizer a Buffon, que estas qualidades lhe dá, que era elle a transição dos domesticos em um paiz aonde não haviam ratos, unicos objectos que os tornariam necessarios. (FONTES, 1956, t. XIX, p.523)

Para Fontes, os cavalos eram nobres companheiros para a caça, a guerra, os trabalhos da agricultura, das artes e do comércio; ou ainda a preciosidade das galinhas, desconhecidas dos indígenas, trazidas pelos primeiros colonizadores e por quase todos os portugueses que vieram para o Brasil.

Retomamos José Augusto Pádua que, mais atualmente, nos prepara para o encontro das ideias do IHGB com os intelectuais setecentistas, no que toca à condenação das técnicas agrícolas predatórias (PÁDUA, 2002, p.173). Retomando os textos de Januário da Cunha Barbosa, Raymundo da Cunha Matos<sup>13</sup>, Freire Allemão e Emílio da Silva Maia, destaca como estes homens apontaram o abuso das derrubadas, os problemas do desflorestamento, de práticas rudimentares e seus malefícios. Indivíduos que percebem florestas tornarem-se capoeiras, mesclando os interesses afetivos e científicos<sup>14</sup>, participando desta prática de associativismo bastante própria do século XIX, que, como ensina o historiador, serve como canal de organização e estímulo da elite intelectual e mais ainda como instrumento de uma tarefa política civilizadora (PÁDUA, 2002, p.173).

Os historiadores podem buscar estas ideias e os mundos que as possibilitaram existir nas mais distintas fontes documentais, textos religiosos produzidos nos mais distantes condados, cartas de nobres e burgueses, poesias e lendas. A natureza também se apresentou nos monstros e sereias. O estudo das sensações e demonstrações de afeto do homem em relação aos animais é um processo que, para Keith Thomas, foi vivido ao longo de toda a modernidade.

Existem, assim, animais detestados e animais que causam compaixão, evocados nos símbolos hierárquicos da sociedade moderna, mansos ou bravios, úteis ou desprezíveis; saborosos ou proibidos ao paladar, generosos, rústicos e domésticos. Da

crudelidade à proteção, da frieza ao afeto, o homem moderno revelou ao mundo natural seus mais profundos e, muitas vezes, obscuros sentimentos. Criar mascotes e construir jardins, esta foi a fórmula moderna para resolver o afastamento do homem em relação à natureza, provocado pela revolução Industrial e pelo processo de desenvolvimento científico. O processo de civilização da modernidade criou novas sensibilidades e, assim, possibilitou que muitos animais escapassem da voracidade do homem. Laços emocionais que ligaram os indivíduos a flores, árvores e paisagens e estiveram presentes na experiência da leitura e da escrita da história. O domínio do homem sobre o mundo natural foi, para este autor, a pré-condição básica da história humana. Diante disto, pensar o que foi pensado por homens e mulheres do passado sobre a natureza é perceber como eles explicaram suas paixões e aversões.

Revela Thomas uma categoria muito especial de designação, a das criaturas brutas (THOMAS, 1996), os homens-feras, relatados inúmeras vezes como quadrúpedes, peludos, selvagens. A natureza doméstica ou selvagem dotada de um sentimento ou marcada pelo instinto de sobrevivência, em sua conturbada relação com o homem, tornou-se este objeto de desejos, de representações, de ideias e experiências textuais.

A natureza está presente nos relatos da história nos e relatos das viagens, uma natureza no século XIX, que, a exemplo do XVIII, nos permite ver homens em um exercício de erudição. É certo que nem sempre os objetivos destes indivíduos, ainda que associados, era dar visibilidade à natureza. Estavam, na maioria das vezes, preocupados com as questões da lucratividade, do Estado e do poder. Assim, podemos encontrar uma diversidade de ideias e leituras de natureza, que levam os homens aos mais distantes recônditos, onde o espírito selvagem está nas onças, nos jacarés, nas chuvas, nos rios e nas cachoeiras e nos processos de suas designações. Leituras que acontecem nas salas do IHGB e nas páginas de sua Revista.

### **Derivação ou o discurso de José Silvestre Rebello, em 1839**

A relação indivíduo e natureza, que aqui analisamos, afasta-nos de uma história da natureza propriamente dita. Não desejamos a história do clima, cujo objetivo não é o de explicar a história humana como Emanuel Le Roy Ladurie (LADURIE, 1976, p.13) aponta. Aqui, unicamente os discursos interessam, discursos que contam de homens, de sociedades e de natureza e que na forma constitutiva dos sistemas (coleções, normas, conjuntos) delimitam, excluem e definem uma estrutura de semelhanças, uma realidade recortada, reconhecida e denominada pelo entrecruzamento entre proposição, designação, derivação e articulação.

Outro texto que tomamos como exemplar para a leitura aqui proposta é de José Silvestre Rebello (?-1844), liberal português que depois da Independência ligou-se à causa brasileira. Nomeado ministro plenipotenciário na Colômbia, não assumiu o cargo. Em 1828, aqui no Brasil, aproximou-se da Sociedade Auxiliadora Nacional “[...] sob cujos auspícios foi fundado, em 1838, o IHGB.” Foi ainda autor de várias obras e sócio fundador do Instituto Histórico do Uruguai, em 1843<sup>15</sup>. Afirmava que:

[...] A história do homem tem por objeto ou suas ações ou seus conhecimentos e é, por conseguinte, civil ou literária, isto é, refere-se às grandes nações e aos grandes gênios, aos Reis e aos Letrados, aos Conquistadores e aos Filósofos. [...] a história da natureza é a dos produtos inumeráveis que nela se observam e forma uma quantidade de ramos quase igual ao número desses diversos produtos. Entre esses diferentes ramos, deve ser colocada e mesmo salientada a história das Artes, que não é outra coisa senão a história dos usos que fizeram os homens dos produtos da natureza, para satisfazer suas necessidades ou sua curiosidade (REBELLO, 1839, t.1, v.1, p.304).

A história do homem, a história da natureza e a história da arte são classificadas. Inúmeras imagens e ideias derivam-se<sup>16</sup> daí, imagens de pensamentos que exaltam “valiosos objetos de comércio”, “mui sólidas instituições políticas”, o “Império”, imagens construídas por José Silvestre Rebello em seu *Discurso sobre a palavra Brazil*, citando a primeira edição da Enciclopédia Francesa sobre o pau brasil. Recita, conclama a ciência, a indústria e o trabalho para a grandiosidade do século XIX. Homens, ações, realizações, produções. Desejos expressos nas palavras e nos olhares. Desejos expressos na lembrança. Desejos colonialistas, como podemos ver:

[...] compete-nos a nós pelas nossas ações o fazer com que o Brazil preencha bem á face do mundo o que a palavra designa, isto é, presente ao mesmo mui valiosos objectos de commercio; mui solidas instituições politicas, e mui religiosos, sabios, e moraes costumes sociais. Devemos, pois fazer com que nos mercados externos appareçam vindos do Brazil numerosos productos que sirvam para aviventar o commercio geral do universo. Estas mercadorias devem ser o resultado do nosso trabalho e industria, guiado pelo estudo e applicados segundo as regras que tem descoberto, e seguem diariamente descobrindo as sciencias, agricultura, historia natural, chimica e physica (REBELLO, 1839, t.1, v.1, p.304).

Também rememora o astrônomo Francisco José de Lacerda e Almeida, que cita Cícero, Demóstenes, Plínio, Horácio e Hipócrates. Tradição do pensamento que vem dos setecentos, a citação da filosofia antiga vinha trazer erudição e monumentalidade aos relatos acadêmicos dos oitocentos, engendrando mais uma vez a continuidade e o processo de derivação de ideias no diálogo com homens distantes.

## **Articulação ou a Zoofonia de Antoine Hercule Florence**

O último discurso que aqui selecionamos marca de forma solene o desejo pelo estudo da natureza. Publicado em 1876, ele busca por meio dos sons dos animais compreender e dominar, ainda que pelo saber, todos os elementos da natureza. A busca do lugar e das espécies animais incluía em seu interior a preocupação com a humanidade. Uma humanidade que pretendia progredir por intermédio do conhecimento das escalas dos homens e dos animais e do entendimento da razão e das escalas musicais.

O exercício de colocar a natureza em escalas, com seus muitos graves e com seus muitos agudos, é o exercício da produção de uma documentação, é “o estudo da natureza falante”, como afirmava Hercule Florence. Entre razão e arrebatamentos, o viajante dá tons e sentimentos humanos aos animais e os gritos ouvidos podem ser alegres como os cacarejares. A onça em seu urro demonstrava irritação, os piares eram melancólicos e os silêncios da solidão desértica que não tinham espaço nos quentes trópicos eram lúgubres. A gaivota expressava sua ansiedade, e o gorjeio do jaú era percebido nas noites onde a lua refletia os rios e lagos e ressaltava o silêncio das trevas, como descreve o autor. É notável a lucidez deste um autor anônimo que, ao perceber a possibilidade do desaparecimento de algumas espécies, registra os sons ouvidos nas matas<sup>17</sup>, sons de jacarés, bem-te-vis, bugios e sapos.

Roger Chartier há muito já afirmou que a história deveria ser entendida como “[...] o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido” (CHARTIER, 1988, p.27). Sentidos registrados na pauta e na linha. A natureza que falava ao homem utilizava uma linguagem ao mesmo tempo erudita e poética, a música que poderia ser ruído ou sinfonia descrevia uma experiência científica de observação do mundo natural, uma experiência de viagem, de escrita e de história. Para o historiador francês, as séries discursivas apreenderiam o mundo como representação e o estruturariam, e os registros deixados pelos atores sociais trariam mais os seus desejos que a sua realidade.

Podemos ver, aqui, além da preocupação com os segredos de Estado, tão próprios das monarquias absolutas e dos impérios hereditários, a armação de uma história que só tem sentido na relação direta com a sua antiguidade, com o distanciamento que lhe confere um estatuto de verdade e de ciência. Sobretudo, percebe-se o olhar e a mão que selecionam o que e como se deve ou não lembrar, e é este movimento das ideias que delimita a história que aqui contamos.

A leitura do documento Zoofonia poderia, então, nos remeter à impressão do poeta:

Só a natureza é divina, e ela só é divina...

Se falo dela como de um ente  
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens  
Que dá personalidade às cousas,  
E impõe nome às cousas.

Mas as cousas não tem nome nem personalidade:  
Existem, e o céu é grande e a terra larga,  
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado...

Bendito seja eu por tudo quanto sei.  
Gozo tudo isso como quem sabe que há sol.  
(...)  
Li hoje quase duas páginas  
Do livro dum poeta místico,  
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes,  
E os filósofos são homens doídos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem  
E dizem que as pedras têm alma  
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas flores, se sentissem, não eram flores,  
Eram gente;  
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram pedras;

E se os rios tivessem êxtases ao luar,  
Os rios seriam homens doentes... (PESSOA, 1991, p.154)

Desta forma na articulação dos discursos que circulam no IHGB, forma-se uma geração de intelectuais reconhecida por seus pares (SCHWARCZ, 1993; SANCHEZ, 2003), que ao escrever um determinado tipo de história, que elege como sujeito o meio natural, possibilita ver uma intensa e variada profusão de sentidos. Lançamos a estes discursos um olhar ávido de natureza, com nossos contemporâneos sentidos aguçados para perceber as onças que andavam a espreita dos indivíduos e dos documentos. Assim, pudemos aqui observar por meio de memórias, discursos e relatos, tomados a partir de sua exemplaridade, uma sociedade de letrados e uma sociedade, que, como atesta Foucault, têm a função de “conservar ou produzir os discursos”, fazê-los circularem “[...] em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição.” (FOUCAULT, 2003, p.39).

No entanto, mantivemo-nos à distância do meio natural, percebendo-o na escrita da história, percebendo-o como paisagem e como ideia, observando-o como aqueles antigos historiadores nas seguras e civilizadas salas no Rio de Janeiro, com curiosidade, ciência e história.

Recebido em 29/3/2011

Aprovado em 11/4/2011

## NOTAS

<sup>1</sup> Neste artigo utilizaremos nas citações dos documentos a grafia original do século XIX.

<sup>2</sup> ZOOFONIA. R. IHGB. Tomo XXXIX, 1876.

<sup>3</sup> “O lugar privilegiado da produção historiográfica no Brasil permanecerá até um período avançado do século XIX vincado por uma profunda marca elitista, herdeira muito próxima da tradição iluminista” In: GUIMARÃES, M. L. S. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Revista Estudos Históricas*, n. 1, Rio de Janeiro. 1998. p. 5. Disponível em <<http://educacaopublica.rj.gov.br>> Acesso em 26/04/2010

<sup>4</sup> Manoel José Pires da Silva Pontes era guarda-mor das Minas e proprietário de fazendas em Minas Gerais. Foi presidente da província do Espírito Santo entre 1832 e 1835 e deputado provincial em Minas Gerais. DICIONÁRIO biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros. Vol 6. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1998. p. 131.

<sup>5</sup> Alcides, Hércules ou Hércules, filho de Zeus/Júpiter e da mortal Acmena foi amamentado pela Deusa Juno/Hera que fez dele imortal. “Como adulto, tendo sido enlouquecido por Juno, atirou os próprios filhos ao fogo”, crime que foi punido pelo Rei de Tirinte, Eristeu, com a obrigação de doze difíceis trabalhos. Entre eles o contato/combate com a natureza real ou mágica é bastante significativo, cito o leão invencível de Neméia, a corça de chifres de ouro de Cerinéia, o javali de Erimanto, o desvio de dois rios para limpar os estábulos dos bois de Augias, os pássaros assassinos do Lago Estínfalo, o touro de Creta, as éguas que se alimentavam de carne humana do Rei Diomédes, os bois pertencentes ao monstro Gerião, o dragão de cem cabeças que guardavam as Hespérides, e, por fim, Cérbero, o cão de três cabeças que guarda o Inferno. Ver CARR-GOMM, S. *Dicionário de símbolos na arte*. Tradução de Marta de Senna. São Paulo: Edusc, 2004. p. 112.

<sup>6</sup> Charles de Brosses (1709-1787) conde de Tornay e Barão de Monfalcon, naturalista do século XVIII, membro da Academia de Ciências, Bellas Letras e Artes de Dijon, autor de *Histoire des navigation aux terres australes*, publicado em Paris em 1756. Disponível em <http://books.google.com.br/books>. Também publicou obras sobre a História Romana (1767) e os sobre os princípios físicos da Etimologia (1777).

<sup>7</sup> José Ribeiro de Souza Fontes (1821-1893) – Visconde de Souza Fontes, bacharel em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro onde foi catedrático da disciplina de Anatomia Descritiva. Primeiro cirurgião do Hospital Militar da Corte. Participou da Guerra do Paraguai. Afiliado em várias associações como a Academia Nacional de Medicina e a Sociedade de Geografia de Lisboa. Foi sócio correspondente e honorário do IHGB. Médico da Casa Imperial e da Imperial Câmara. Cirurgião efetivo da Santa Casa de Misericórdia. In: DICIONÁRIO biobibliográfico... Vol 4, 1993. Op. Cit. p. 163/164.

<sup>8</sup> “Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert Curvier (1769-1832) Foi filósofo, naturalista, anatomista e zoólogo, nasceu na França e foi assistente do Museu Nacional de História Natural de Paris”. In: DICIONÁRIO Político. Disponível <<http://www.marxists.org.htm>> Acesso em 01/02/1007.

<sup>9</sup> Cesaré Cantu (1804-1895) – Historiador italiano com uma vasta obra entre as quais: “*Buon senso e buongoverno* (Milano, 1870), *Portafoglio d’un operaio* (Milano, 1871), *Attenzione! Riflessi di un popolano* (Milano, 1871)”. Teve destaque como diretor do Arquivo do Estado de Milão, função que ocupou por duas décadas, tendo sido considerado o “último romântico italiano”. In: CESARE Cantu disponível <http://www.cesarecantu.it/biografia.htm> Acesso em 01/02/2007.

<sup>10</sup> Simão de Vasconcelos (1597-1671). Jesuíta cuja obra é conhecida por retratar a história da Companhia de Jesus, segundo Maria Beatriz Nizza da Silva a obra citada – *Crônica* “contém observações acerca dos índios e da terra brasileira.” In: SILVA, M. B. N. da (Org.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1994. p. 818/819.

<sup>11</sup> Alertamos que *controle biológico* é uma expressão contemporânea demais para que José Ribeiro Fontes a utilizasse ou mesmo a conhecesse. Neste sentido, a utilização de gatos para controle de ratos sugere um saber que se perde no tempo e que os naturalistas modernos desejavam tornar ciência desde o século XVIII, para orientar um bom governo como se desejava à época.

<sup>12</sup> Jean-Baptiste Du Tertre foi missionário dominicano e botânico francês que viveu entre 1610 e 1687 e viajou para as Antilhas e para a Groelândia. Tem entre suas obras “*Histoire générale des Aint-îles habitées par le françois*» publicada em Paris em 1654 e da obra “Para observar os pássaros”. In: OBRAS Raras. disponível em <<http://www.obrasraras.usp.br>>. Acesso em 02/02/2007. Também sobre esta discussão podemos ver MARQUESE, R. de B. Ideologia imperial, poder patriarcal e o governo dos escravos nas Américas. (1660-1720). *Revista Afro-Ásia*, n. 31, 2004. p. 67. Disponível em <<http://www.afroasia.ufba.br>> Acesso em 02/02/2007.

<sup>13</sup> Raimundo José da Cunha Matos (Faro - 02/11/1776 – †Rio de Janeiro 23/02/1839) – Teve uma intensa e laureada carreira militar, iniciando-a em Portugal. Foi membro da Sociedade Auxiliadora da

Indústria Nacional, do IHGB foi um dos sócios fundadores. Foi oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro e comendador da Ordem de São Bento de Avis. Também foi sócio do Instituto Histórico da França, da Sociedade Real Bourbonica, da Academia Real de Ciências de Nápoles. Autor de várias memórias e diários, dos quais destacamos *Viagem da Corte à Província de Goiás, Memória sobre navegações dos antigos e dos modernos, Épocas mais gloriosas do Brasil, História das descobertas nas costas da África, Corografia da Província de Minas Gerais*. DICIONÁRIO biobibliográfico...Vol. 6. op. cit. p. 29.

<sup>14</sup> Segundo José Augusto Pádua, o interesse pela vegetação demonstrado por Freire Allemão, importante nome do IHGB, teria nascido de uma vivência rural. Ao ver a derrubada constante das grandes árvores e a extinção da fauna que a mesma provocava, chegou a proferir discursos “com um tom algo político”. Op. Cit. PÁDUA, J. A. p. 184.

<sup>15</sup> DICIONÁRIO Biobibliográfico.... Vol. 6. Op. Cit. p. 40.

<sup>16</sup> “A teoria da derivação mostra o movimento contínuo das palavras a partir da sua origem, mas o desvio na superfície da representação se opõe ao liame único e estável que liga uma raiz a uma representação. [...] as palavras não cessam de derivar...” FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 163/164.

<sup>17</sup> “Urro da onça: A onça é o tigre da América. Algumas vezes ouvimos-lhe o urro de dia e mais freqüentemente no silêncio das noites. Então sua voz, imitando o mugido do touro, tinha um quê de assustador”. In: ZOOFONIA. op.cit. p. 332.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, V. *Os sentidos do Império: questão nacional e questão colonial na Crise do Antigo Regime Português*. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

CAMPOS, P. M. Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. In: GLÉNISSON, J. *Iniciação aos estudos históricos*. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977.

CARR-GOMM, S. *Dicionário de símbolos na arte*. Tradução de Marta de Senna. São Paulo: Edusc, 2004. p. 112.

CEZAR, T. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos. In: NEVES, L. M. B. P.; GUIMARÃES, L. M. P.; GONÇALVES, M. de A. & GONTIJO, R. *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011.

CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.

DICIONÁRIO biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros. Vol 6. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1998. p. 131.

DU TERTRE, Jean-Batiste. “Para observar os pássaros”. IN: *OBRAS Raras*. disponível em <<http://www.obrasraras.usp.br>>. Acesso em 02/02/2007

\_\_\_\_\_. *Histoire générale des Aint-îles habitées par le françois*» publicada em Paris em 1654.

FONTES, José Ribeiro de Souza. *Os animais introduzidos pelos colonizadores por José Ribeiro de Souza Fontes*. R. IHGB. Tomo XIX, 1956.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 163/164.

GUIMARÃES, L. M. P. Um olhar sobre o continente: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso internacional de história da América. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 20, 1997.

GUIMARÃES, M. L. S. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. In: *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, dez/2002.

\_\_\_\_\_. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Revista Estudos Históricos*, n. 1, Rio de Janeiro. 1998. P. p. 5. Disponível em <<http://educacaopublica.rj.gov.br>> Acesso em 26/04/2010.

\_\_\_\_\_. Para reescrever o passado como história: o IHGB e a sociedade dos Antiquários do Norte. In: HEIZER, A. & VIDEIRA, A. A. P. *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

HARTOG, F. A arte da narrativa histórica. In: BOUTIER, J. & JULIA, D. (orgs.) *Passados recompostos; campos e canteiros da historia*. Tradução de Marcella Mortara e Ana Maria Skinner. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Editora da FGV, 1998.

LADURIE, E. R. O Clima, história da chuva e do bom tempo. In: LE GOFF, J. & NORA, P. *História: Novos objetos*. Tradução de Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LOSADA, J. Z. *A paixão, a natureza e a idéia de história: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no século XIX*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2007 [Tese de doutorado]. P. 199. Disponível em <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2007/Janainaitolosada.pdf>.

MACEDO, Joaquim Manoel de. Discurso do orador do Instituto Histórico o sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo. *R. IHGB*. Tomo XXI, 1859.

\_\_\_\_\_. Discurso do orador do Instituto Histórico o sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo. *R. IHGB*. Tomo XXII. 1860.

MARQUESE, R. de B. Ideologia imperial, poder patriarcal e o governo dos escravos nas Américas. (1660-1720). *Revista Afro-Ásia*, n. 31, 2004. p. 67. Disponível em <<http://www.afroasia.ufba.br>> Acesso em 02/02/2007.

PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição; pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PESSOA, F. *O Eu profundo e os outros Eus*. 20.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PONTES, Antonio Pires da Silva. *Diário histórico e físico da viagem dos oficiais que partiram do quartel general de Barcelos para a capital de Vila Bela da Capitania do Mato Grosso*, em 01 de setembro de 1781. *R. IHGB*. Vol 262. 1964.

REBELLO, José Silvestre. *Discurso sobre a palavra Brazil de José Silvestre Rebello*. *R. IHGB*. Tomo 1, vol. 1. 1839.

---

SANCHEZ, E. C. T. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, 2003. [Tese de doutorado].

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, M. B. N. da (org.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1994.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VILLALTA, L. C. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: *HISTÓRIA da vida Privada no Brasil*. Vol 1. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. Organização de Laura de Melo e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WEHLING, A. *Estado, história, memória: Varnhagem e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.